

LINGUAGEM DE TRADIÇÕES E COSTUMES NO VALE DO ACRE, JURUÁ E PURUS

Luísa Galvão Lessa (UFAC)
lessaluisa@yahoo.com.br

RESUMO

Este estudo é uma contribuição aos estudos dialetológicos do Brasil e, em particular, ao *Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC*. Tem por finalidade fornecer dados acerca do vocabulário dos seringueiros acrianos, no que diz respeito aos costumes e as tradições na atividade extrativista, as crenças, cultura medicinal de chás e ervas da floresta. Para a realização deste estudo utilizam-se dezoito inquiridos do corpus do CEDAC, com o propósito de demonstrar a linguagem falada pelo seringueiro acriano nos três Vales delimitados e em nove zonas de pesquisa: Vale do Acre – Rio Branco, Plácido de Castro e Xapuri; Vale do Purus – Sena Madureira, Manuel Urbano e Assis Brasil; Vale do Juruá – Cruzeiro do Sul, Tarauacá e Feijó. Os informantes são homens e mulheres na faixa etária B (26-35 anos) e C (35-80 anos). Para a análise das palavras delimitaram-se os seguintes campos semânticos: 1) palavras relativas aos meses, estações do ano e fases da lua; 2) remédio e doenças; 3) religião, fé e crença; 4) grupo familiar; 5) costumes e hábitos alimentares. O método utilizado foi o da Cartografia e o da geolinguística, amplamente utilizados nos trabalhos dos Atlas linguísticos regionais brasileiros. A feitura do glossário resultou na elaboração de cinco cartas léxicas relacionadas aos campos semânticos da pesquisa. Na análise dos dados observa-se que os falantes do sexo feminino possuem um vocabulário mais amplo no que diz respeito aos afazeres domésticos e às ervas medicinais. Conhecem, também, o léxico referente ao trabalho com o corte da seringa e os processos de defumação e comercialização. Enquanto os informantes masculinos dominam um vocabulário relacionado aos utensílios de trabalhos, às atividades de extração do látex, caça e pesca. Observa-se, ainda, que as classes de palavras mais utilizadas são os substantivos e depois os verbos. Os adjetivos e os advérbios em -mente são empregados raramente. Dentre as várias conclusões pode-se afirmar que a linguagem do seringueiro acriano possui forte teor conservador e as palavras estão intimamente ligadas à vida social que levam no interior da floresta. Daí decorre a importância do estudo dialetológico com a possibilidade do registro de forma que podem cair em desuso. Observa-se, ainda, que o vocabulário feminino é mais amplo do que o masculino, com destaque para a figura feminina responsável pelos ensinamentos aos filhos.

Palavras-chave:

Dialetologia. Geografia Linguística. Lexicologia. Lexicografia, Tradições. Costumes.

1. Introdução

O presente estudo é uma contribuição aos estudos dialetológicos do Brasil e, em particular, ao *Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC*. Tem por finalidade fornecer dados acerca do vocabulário do seringueiro acriano no que diz respeito aos costumes e tradições da atividade extrativista, as crenças, a cultura medicinal de chás e ervas da floresta, bem como fazer um registro de uma linguagem que pode se perder com o passar do tempo sem que dela não se deixe registros para às gerações futuras.

Esta pesquisa foi desenvolvida no campo da dialetologia social, lexicologia, lexicografia, geografia linguística e semântica. E sobre a dialetologia social é como diz Carlota Ferreira (1994, p. 86):

(...) a língua acumula e pereniza dados para os quais as mudanças estruturais da sociedade gradativamente determinam também mudanças no plano linguístico. Assim ocorre na constituição do léxico de uma língua; e Cunha (1988, p. 32) ao dizer que Toda língua é um ‘museu histórico e cultural’, um documento do relevante ou do modesto papel que desempenham os povos que a falam na vida do mundo.

O estudo demonstra o modo de vida do seringueiro, seus hábitos alimentares, suas crenças e seus costumes. Este último pode ser definido como prática ou hábito repetidamente adotado; maneira habitual de agir, falar, alimentar-se. A respeito disso Carlota Ferreira (1994, p. 10) assim se pronuncia: “Com o homem rural se aprendem não apenas os fatos linguísticos, porém muito mais, aprende-se sobre uma vida que nunca lhe foi ensinada, mas prendida de dentro da própria vida”.

Em Lessa (1992, p. 79), fundamenta-se o conceito de língua, quando diz que

a língua, como produto social, é um reflexo da cultura e da sociedade em que vive o homem. E sendo o homem um reflexo da cultura e da sociedade, não é a língua uma coisa estática, pelo contrário, há na língua uma grande dinâmica que gera mudanças e alterações. (Projeto ALAC, p. 21, 1990)

Infere-se, então, que a língua não é estática, pelo contrário, a língua demonstra ser dinâmica e inovadora, conforme o mundo vai se modificando a linguagem também se modifica, pois ela acompanha a história de um povo, nesse caso, a história de vida do seringueiro acriano.

2. *Objetivos*

2.1. **Geral**

Contribuir com a feitura do *Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC* e com a descrição da oralidade brasileira.

2.2. **Específico**

- Assegurar a aprendizagem de técnicas e métodos científicos vivenciados na pesquisa ALAC;
- Verificar o comportamento linguístico dos falantes dos Vales do Acre, Juruá e Purus.
- Elaborar um glossário intitulado “Linguagem de tradições e costumes nos vales do Acre, Juruá e Purus”;
- Elaborar cartas léxicas relativas aos campos semânticos da pesquisa;
- Apresentar resultados em Seminário PIBIC.

3. *Justificativa*

O estudo tem como aporte teórico ciências como a dialetologia social, geografia linguística, lexicologia, lexicografia, semântica. É com base nas teorias dessas ciências que se tornou possível o estudo *Linguagem de tradições e costumes no Vale do Acre, Juruá e Purus*.

A pesquisa se justifica, principalmente, pela necessidade de se registrar a linguagem do seringueiro acriano, já que com o passar do tempo às palavras tendem a modificar-se e caso não sejam registradas desaparecerão e com elas a história da comunidade, pois é possível afirmar que a história de uma comunidade pode ser refletida no seu vocabulário. E, portanto, se não houver um estudo que resguarde o falar do seringueiro acriano, parte da história do Brasil será perdida. A esse respeito assim se expressa Brandão (1991, p. 05) “É por meio da língua que o homem expressa suas ideias as ideias de sua geração, as ideias da comunidade a que pertence, as ideias de seu tempo”.

4. Metodologia

Para a realização deste trabalho utilizou-se dezoito inquéritos pertencentes ao *corpus* do CEDAC – Centro de Estudos Dialetoológicos do Acre: RB129BF, RB068CM, PC037BM, PC184CF, XA169BF, XA040CM, AB138CM, AB137CF, MU150BM, MU151CF, SM127BM, SM123CF, CS110BM, CS083CF, FE092CM, FE093CF, TA194BF, TA087CM, distribuídos entre o Vale do Acre, Juruá e Purus, sendo, no total, seis inquéritos para cada Vale. Fez-se um levantamento lexical nos inquéritos, tomando-se por base os informantes das faixas-etárias B (26-35) e C (35-80), com nove informantes do sexo feminino e nove do sexo masculino. Deles retiraram-se: palavras relativas à estrada de seringa; palavras relativas ao trabalho do seringueiro com a borracha; palavras relativas ao corte da seringa; palavras relativas aos utensílios utilizados pelo seringueiro para o corte da seringa; palavras relativas à comercialização da borracha; palavras relativas às pessoas envolvidas com o trabalho da seringa; palavras relativas aos locais onde se realizam as atividades do látex.

O estudo foi aprofundado, ainda, em outros campos semânticos: palavras relativas aos meses, estações do ano e fases da lua propícias para a extração do látex e para a plantação; palavras relativas aos meses, estações do ano e fases da lua não propícias para a extração do látex e para a plantação; palavras referentes a remédios e doenças comuns aos seringueiros; palavras relativas à religião, fé e crença do seringueiro; palavras relativas aos hábitos alimentares do seringueiro; palavras relativas aos costumes do seringueiro; palavras relativas à plantação, à caça e à pesca.

Para o estudo dos adjetivos, trabalha-se com palavras relativas à qualificação e os advérbios terminados em *-mente*, podendo o estudo ser aprofundado posteriormente.

Fez-se, ainda, o levantamento das palavras, tomando por base quatro classes gramaticais: substantivos, verbos, adjetivos e advérbios terminados em *-mente*. E, com base nesses levantamentos, elaborou-se o glossário intitulado *Linguagem de Tradições e Costumes nos Vales do Acre, Juruá e Purus*.

5. Pressupostos teóricos

Na elaboração deste trabalho, seguiu-se o caminho trilhado pela dialetologia social, geografia linguística, bem como os ensinamentos da

lexicologia, da lexicografia, da semântica e da linguística geral. Dos conceitos de alguns teóricos como Coseriu (1988), Lessa (1992) e Cunha (1974), se sustentam às fundamentações que servem ao fazer científico da presente pesquisa.

Partindo dos conceitos desses teóricos, busca-se, com base na linguagem regional, resgatar a história do seringueiro, por meio da linguagem. Pode-se confirmar, no dizer de Brandão (1991, p. 06), que

Ao falar, um indivíduo transmite, além da mensagem contida em seu discurso, uma série de dados que permite a um interlocutor atento não só depreender seu estilo pessoal – seu idioleto – , mas também filiá-lo a um determinado grupo.

Percebe-se que é por meio da língua que o homem traduz o seu modo de vida, o espaço geográfico que ocupa, as crenças, sonhos etc. E, por isso, para se conhecer o homem regional, faz, aqui, uma recolha da sua linguagem, pois é como diz Leite & Callou (2002, p. 07):

É através da linguagem que uma sociedade se comunica e retrata o conhecimento e entendimento de si própria e do mundo que a cerca. É na linguagem que se refletem a identificação e a diferenciação de cada comunidade e também a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos, estratos sociais, faixas etárias, gêneros, graus de escolaridade.

O estudo busca, no seu todo, traduzir a riqueza lexical presente na linguagem falada no Acre, objetivando fornecer uma visão da vida, da cultura e do léxico do seringueiro, como forma de descrever e registrar a expressividade regional. Isto pode ser confirmado no dizer de Carlota Ferreira (1994, p. 10): “Com o homem rural se aprendem não apenas os fatos linguísticos, porém muito mais, aprende-se sobre uma vida que nunca lhe foi ensinada, mas aprendida de dentro da própria vida”.

6. Resultados e discussões

O cumprimento desta pesquisa permitiu mostrar a unidade e a diversidade existente na fala do seringueiro acriano, bem como expandir os conhecimentos relativos à dialetologia social, lexicologia, lexicografia, semântica e português do Brasil. Afirma-se, por meio deste estudo, em consonância com o pensamento dos teóricos, que a língua, sendo um organismo vivo, está em constante transformação. Com isso, observa-se, nos inquéritos trabalhados, que a linguagem é o reflexo do fazer do seringueiro, pois ela traduz o universo desses homens e mulheres moradores do Vale do Acre, Juruá e Purus.

Observando o comportamento linguístico dos informantes, percebe-se que eles relacionam a influência das estações do ano sobre a produção e extração do látex. Por isso alegam que o verão não é bom período para a atividade extrativista, por trata-se de um período seco, que interfere na quantidade do leite. Os informantes também alegam que agosto e setembro são os piores meses para a atividade extrativista, pois nestes meses há menor produção por parte da seringueira, conseqüentemente o seringueiro produz menos borracha.

Por outro lado, há a relação entre as fases da lua e os resultados na plantação. Vejam-se os exemplos:

(...) é... agosto ... *setembo* ... é ruim pa leite (SM123CF:17)

(...) não ... *setembo* é ruim de leite ... agosto e *setembo* num presta ... FE093CF:08

(...) quando bate o *verão*... agosto... *setembo* devido a quentura afracassa o leite (AB138CM:16)

(...) três dia antes por enxempo dela sê *nova* é bom de plantá né ... (TA087CM:22).

Observa-se, no inventário das palavras, o conhecimento sobre os espíritos da floresta, nos três Vales trabalhados como, por exemplo: “Mapinguari”, “Mãe da Mata”, “Mãe da Seringueira”, “Caboclinho da Mata”, “Pai da Mata” e “Caipora”. Tal conhecimento está mais presente nos informantes das faixas etária B e C, talvez por eles terem conhecimento de varias estórias lendárias. Porém, a maior parte dos informantes afirma que nunca ter visto alguma entidade da floresta, somente ouviram falar.

(...) tem a *Mãe da Seringuêra* ... Caipora diz que é ... é a dona dos bicho né ... das caça assim do mato (MU150BM:12).

(...) o *Caboquim*... eu num sei lhe dize né porque nós nunca vimo né assim e o que contavo pra nós era só assim... (AB137CF:74).

(...) eu já vi que diz que o *Caboquim* açoita o cara ... (SM127BM:20).

No que diz respeito à alimentação pode-se perceber que é baseada na caça, pesca e cultura de algumas plantas alimentícias como a mandioca, é uma alimentação deficiente no diz respeito a legumes e verduras, pode-se dizer que a base da alimentação do seringueiro é a farinha. Os exemplos abaixo demonstram isso.

(...) farofa ... banana ... condo tiNa coco nar mata a gente levava só a *fariNa* (SM123CF:04).

(...) aí nós levava uma *farofa* ... aí quando darra aquela hora que a rente tava com fome né ... (MU151CF:05).

(...) ente fazia aquela *farofa* ... comia ... (TA087CM:12).

(...) e fazia a *farofa* da carne (RB129BF:05).

(...) em casa leva *fariNa* e leva o sal (CS110BM:05).

Quanto às palavras relativas a nomes de remédios e doenças, verifica-se, que nos três Vales, as ocorrências das doenças mais comuns: febre, malária, quebrante, vento caído e hepatite. Vale lembrar que pela deficiência alimentar a ocorrência de hepatite é maior e pelo fato de o seringueiro morar na floresta há muitos casos de malária.

(...) não ... eu adoecia assim ... é c'uma febrizinha ... alguNa *febre* né ... (RB068CM:30).

(...) o seringal é bom que é difice essas doença... se num fô alguma *gripe*... (MU151CF:25).

(...) a malária num coNieço não... agora pra... pra *hapatite* tem... a erva do mato tem cura (AB138CM:26).

(...) cesão ... agora que dissero essa *malária* NE é perigosa ... mata munta gente (MU151CF:25).

(...) é *quebrante* ... vento caído ... sp que eu sei só (FE093CF:20).

(...) as doença maise que comprica mais ... sempre é a *malária* né ... (MU150BM:10).

(...) tiNa ... quano o menino tarra cum *quebrante* ... (PC184CF:21).

(...) morreu ... é... de *hapatite* (SM123CF:02).

(...) munta *malára* ... peguei munta *malára* no cento (SM127BM:14).

(...) nem *quebrante* ... nada ... nada ... então se já os meu ... é do mermo jeito (SM123CF:12).

Quanto às ervas e chás, vejamos os exemplos mais comuns:

(...) nós chama... nós chama... uns chama *capim de agulha*... ôtos de pição (AB138CM:26).

(...) *cesão* ... agora que dissero essa malária né (MU151CF:25).

(...) fazia um *chá de boldo*... (PC184CF:23).

(...) é o *chá de laranja* ... e às vez algum gópe que pegava assim na perna ... (RB068CM:31).

(...) viNa pa Vila ... fazia um chá de boldo ... *chá de quina-quina* ... que é um ... (PC184CF:23).

(...) prantava o hortelã... o *malvarisco* né... (MU151CF:24).

(...) é eles fazia um chá assim do *mastruiz* (MU150:10)

No que diz respeito à diversão no seringal, verifica-se que as pessoas que vivem nessas comunidades se identificam com festas e apreciam os instrumentos musicais, como violão, sanfona, pandeiro.

(...) tem no seringal ... *feira* de ... batuque mermo de ... violão ... sofona ... (PC184CF:13)

(...) aí quano era de tarde as mulhé ia né pa aquela casa... aí juntarra e passarra a noite dançano... era as *feira* de lá... ((risos)) (AB137CF:35).

(...) tiNa sempre... tiNa muita *feira*... (AB138CM:20).

(...) eu saía mais de casa quando tiNa meus filho ... minhas filha ... que nós ía pra *feira* ... eu levava elas ... mas agora nós véi né (FE093CF:18).

(...) nesse tempo era tocadô de *violão*... (MU151CF:15).

(...) tiNa violão... tiNa banjo... cavaquim... *sanfona* (AB138CM:20).

(...) é ... aí batiam num *pandêro* lá né ... essas coisa assim (MU150BM:15).

Pode-se inferir, a respeito da linguagem, que para o real conhecimento de um grupo humano, não basta pesquisar sua história, seus costumes ou o ambiente em que vive, é necessário observar de forma particular e registrar a linguagem, para que possamos compreender um pouco mais os fatos históricos e a cultura do lugar, que hoje em dia é tão desprezada e, muitas vezes, motivo de riso, preconceito. Então, é recomendável que todos se conscientizem e respeitem a linguagem e a cultura do seringueiro acriano.

Na verdade, uma língua histórica, de cultura – como a língua portuguesa -, é um supersistema (conjunto de sistemas e subsistemas) que

apresenta enorme complexidade, o que torna, por sua vez, complexo o trabalho dos que se dedicam a analisá-la global ou parcialmente, como aqui se faz na descrição da oralidade acriana.

Assim, ao concluir, por agora, pode-se dizer que a investigação aqui realizada abre horizontes para pesquisadores interessados nesse vocabulário tão rico que é a linguagem acriana no aspecto de tradições e costumes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 10. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

COSERIU, Eugenio. *Princípios de semântica estrutural*. México: Universidade Nacional Autónoma de México, 1986.

_____. *Tradição e novidade na ciência da linguagem*. Rio de Janeiro: Presença. Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

_____. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença, Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

_____. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, Centro de Lingüística Hispánica, 1982.

_____. *Tradición y novedad en la ciencia del language*. Estudios de historia de la lingüística, Madrid: Gredos, 1977.

_____. *O homem e sua linguagem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

_____. A geografia linguística. In: ____ *O homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

CARLOTA FERREIRA, Suzana Alice Cardoso. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

LESSA, Luíza Galvão. *Termos e expressões populares do Acre*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense, 1985. Niterói.

_____. *A linguagem falada no Vale do Acre* – Materiais para estudo.

Centro de Estudos Dialetológicos do Acre – CEDAC, Rio de Janeiro: 2002.

_____. *A linguagem falada no Vale do Juruá – Materiais para estudo*. Centro de Estudos Dialetológicos do Acre – CEDAC, Rio de Janeiro: 2002.

_____. *A linguagem falada no Vale do Purus – Materiais para estudo*. Centro de Estudos Dialetológicos do Acre – CEDAC, Rio de Janeiro: 2002.

_____. *Atlas etnolinguístico do Acre – ALAC*. Revista de Linguística e Filologia, nº 10. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

_____. *Glossário do Vale do Acre: látex e agricultura de subsistência*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

_____. *Projeto Atlas Etnolinguístico do Acre-ALAC*. Comunicação apresentada na Semana de Letras na UFMT. Cuiabá: 1992.

_____. *Projeto Centro de Estudos Dialetológicos do Acre – CEDAC*. Comunicação apresentada no IV Congresso Internacional de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), Campinas: 1990.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1932.

_____. *Bases para a elaboração de um atlas linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, parte 1, 1958, parte 2, 1961.

_____. Divisão dialetológica do território brasileiro. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, 1955.

NETO, Serafim da Silva. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1977.

_____. *Guia para estudos dialetológicos*. Faculdade Catarinense de Filologia, Centro de Estudos Filológicos, Florianópolis: 1955.